

# MICHEL FOUCAULT E A SOCIOLOGIA: APROXIMAÇÕES E TENSÕES<sup>1</sup>

Marcos César ALVAREZ\*

**RESUMO:** O texto discute a recepção dos trabalhos de Michel Foucault na Sociologia e na Teoria Social. A partir da metáfora da caixa de ferramentas, empregada pelo próprio Foucault, analisa como as investigações do filósofo francês foram recebidas e criticadas nesse campo de conhecimento. A divisão habitual do percurso intelectual do autor em três domínios – arqueologia, genealogia e ética – é problematizada, tendo em vista tanto os livros produzidos, quanto os textos dispersos e os cursos. Por fim, apresenta aspectos de sua influência no Brasil, especialmente no que diz respeito à caracterização da assim chamada sociedade disciplinar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Michel Foucault. Sociologia. Teoria Social. Poder.

## A caixa de ferramentas

As formas originais de pensamento se introduzem por elas mesmas: sua história é a única forma de exegese que elas suportam, e seu destino a única forma de crítica. (Michel Foucault)

*La circulation internationale des idées est pleine de malentendus et de pièges, contre lesquels il faut être sans cesse en garde.* (Pierre Bourdieu)

---

\* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Departamento de Sociologia. São Paulo – SP – Brasil. 05508-010 – mcalvarez@usp.br.

<sup>1</sup> O presente texto foi originalmente elaborado como parte de tese de Livre-Docência, defendida na Universidade de São Paulo (ALVAREZ, 2013).

Michel Foucault por diversas vezes convidou seus ouvintes ou leitores a tomarem suas ideias como hipóteses de trabalho, suas análises como experiências provisórias, seus livros como ferramentas para múltiplos usos possíveis. Por exemplo, em entrevista realizada por J.J. Brochier, em 1975, ele afirmava, em relação a Nietzsche:

O único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o de Nietzsche, é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar. Que os comentadores digam se se é ou não fiel, isto não tem o menor interesse. (FOUCAULT, 1981b, p.143).

Tal tipo de posicionamentos fornece uma pista não apenas para compreender como Foucault se apropriava dos autores que achava importantes e que iriam se constituir para ele como efetivos instrumentos de pensamento, mas igualmente como desejava que seu próprio percurso intelectual fosse apropriado por outros leitores. A metáfora da caixa de ferramentas se oporia, desse modo, ao ritual acadêmico do comentário, que garantiria ao autor um lugar no conjunto da tradição filosófica, mas pagando-se o preço da neutralização das novas possibilidades abertas pelo seu pensamento, dos novos espaços de problematização que Foucault buscava obsessivamente desobstruir. Seria também um convite ao uso público de suas pesquisas pelos movimentos sociais e nas lutas setoriais, diante das quais o intelectual não deveria desempenhar nenhum papel como protagonista, mas inserir-se como intelectual específico em oposição ao intelectual universal, tal como Foucault (1981b) prescrevia em entrevista de 1977. Em outra entrevista, a Roger Pol-Droit em 1975, Foucault (2006) é ainda mais explícito no convite ao uso instrumental de seus textos, embora a tensão entre o trabalho intelectual tradicional – do qual Foucault nunca conseguiu se desvencilhar totalmente – e o sonho de um pensamento verdadeiramente instrumental se faz presente:

Meu discurso é, evidentemente, um discurso de intelectual e, como tal, opera nas redes de poder em funcionamento. Contudo, um livro é feito para servir a usos não definidos por aquele que o escreveu. Quanto mais houver usos novos, possíveis, imprevistos, mais eu ficarei contente. Todos os meus livros seja História da loucura seja outros podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006, p.52).

De modo mais geral, a metáfora da caixa de ferramentas buscava situar seus trabalhos no espaço da liberdade – tanto de si próprio quanto dos atuais e futuros leitores – mas não era, no plano intelectual, um convite à leitura descuidada ou ao emprego frouxo de conceitos e de análises. Mesmo que com frequência Foucault tenha divulgado em registros diversos suas ideias – em livros e artigos acadêmicos e também em entrevistas, em prefácios, em artigos de jornais etc. – o caminho trilhado não era o da vulgarização fácil. Nesse sentido, parece apropriada a observação de Pierre Bourdieu, justamente a respeito de Foucault, quando afirma que por vezes um autor consciente busca tornar-se difícil de ler para poder encontrar seus verdadeiros leitores e, em contrapartida, contornar as ameaças representadas pelas forças da não-recepção (BOURDIEU, 1996). Esse parece ter sido realmente o caminho trilhado por Foucault, que dificilmente respondia às polêmicas mais vulgares<sup>2</sup>, aos ataques mais simplistas, às questões mais diretas e, em contrapartida, desenvolveu um estilo de escrita elaborado e virtuoso – elogiado, entre outros, por Lévi-Strauss (2005) – não dissociado dos difíceis problemas que buscava enfrentar.

Desse modo, ainda como comenta Bourdieu (1996), sem dúvida Foucault buscava não os leitores que lêem para falar em seguida do que leram, mas sim aqueles que lêem para, a partir disso, fazer alguma coisa, fazer avançar o conhecimento. Mas o convite à instrumentalização de seus trabalhos não excluiria o esforço de enfrentar as dificuldades próprias de um pensamento, sem dúvida original, mas igualmente complexo e denso. Por isso o empenho permanente em esclarecer, sempre com rigor, suas escolhas teórico-metodológicas, caracterizar as hipóteses em jogo, corrigir seus pontos de vista e, por vezes, indicar as leituras equivocadas de seus trabalhos.

Logo, restituir ao percurso intelectual de Foucault sua riqueza e complexidade não é uma tarefa banal, nem se limita à periodização de seus principais trabalhos ou à busca das inter-relações entre os diferentes registros de sua produção. Tanto num caso quanto no outro, a unidade e a coerência de seu percurso parecem difíceis de serem plenamente estabelecidas. Por um lado, como lembra mais uma vez Bourdieu (1996), é preciso não fetichizar um autor: pode-se opor uma citação a outra de Foucault não apenas porque ele se contradizia, como todo mundo, mas igualmente porque ele não dizia as mesmas coisas para públicos diversos e em diferentes circunstâncias. Por outro lado, linearidade, continuidade, coerência e unidade,

---

<sup>2</sup> Em entrevista a Paul Rabinow de 1983, Foucault explica porque não gostava de se envolver em polêmicas. Para o filósofo francês, o polemista sempre vê o interlocutor como um adversário ou um inimigo a ser destruído, já que assume de antemão uma legitimidade que nega ao seu adversário. Além dos efeitos esterilizantes, em termos de produção da verdade e nocivos em termos políticos, para Foucault o que está em jogo também é toda uma moral da procura da verdade e da relação com o outro, que a polêmica afronta (FOUCAULT, 1999).

não são termos equivalentes nem foram tratados de forma tradicional pelo próprio Foucault (REVEL, 2012).

Tais desafios não são, no entanto, apenas obstáculos, mas parte do exercício intelectual mesmo de apreensão e de compreensão de seu pensamento. Tomar os trabalhos de Foucault em sua dispersão e heterogeneidade incontornáveis e, ao mesmo tempo, dar conta da forma original de como ele trabalhava, da descontinuidade coerente que atravessa os trinta anos de seu trabalho de escrita, de pesquisa, de ensino e de compartilhamento de seu pensamento (REVEL, 2012), permitem uma apropriação mais de acordo com seu próprio percurso intelectual.

## Arqueologia, Genealogia e Ética

Os escritos de Foucault são usualmente divididos em três domínios distintos de análise, a cada um dos quais se associa um determinado tipo de abordagem (DAVIDSON, 1988). O primeiro domínio seria o dos sistemas de conhecimento, abordado a partir de uma arqueologia do saber<sup>3</sup>. O segundo domínio seria aquele das modalidades de poder, estudado a partir de uma genealogia do poder<sup>4</sup>. E o terceiro domínio seria o das relações do sujeito consigo mesmo, analisado a partir de uma ética<sup>5</sup>. No entanto, talvez se deva ter mais cautela mesmo com esse tipo de periodização, sobretudo tratando-se de um autor como Foucault, pois tanto os domínios explorados quanto as abordagens construídas sucedem-se em sua trajetória de modo complexo, com frequentes sobreposições metodológicas e retornos a períodos históricos de análise.

Judith Revel (2012), aponta justamente como essa divisão didática não resolve uma série de questões relativas ao conjunto dos trabalhos de Foucault, entre elas o problema dos textos intermediários e também o da razão desses deslocamentos ao longo do percurso intelectual do próprio autor. Ou seja, a divisão permite manter uma aparência de continuidade, mas ao preço de uma ausência quase total de transições, bem como de questionamento efetivo das rupturas e das descontinuidades. A autora defende, em contrapartida, que o tema do descontínuo está presente não apenas nas descrições históricas de Foucault – por exemplo, na sua preocupação extrema com os acontecimentos, com as rupturas temporais, na busca por tornar aparente todas as descontinuidades que atravessam a história – mas igualmente no plano da

---

<sup>3</sup> Exemplo desta abordagem seriam trabalhos como *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 1981a) e *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2012). Sobre o momento arqueológico do percurso de Foucault, conferir Rouanet et al (1971) e Gutting (1989).

<sup>4</sup> *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1977) seria o trabalho paradigmático desta abordagem genealógica.

<sup>5</sup> Desenvolvida sobretudo nos dois últimos volumes da *História da Sexualidade II* (FOUCAULT, 1984) e *História da Sexualidade III* (FOUCAULT, 1985).

própria escrita, ao buscar experimentar uma fragmentação da narrativa filosófica. Assim, antes de ser genealógico, o pensamento de Foucault seria descontínuo, com a própria descontinuidade tornando inevitável a assunção, por exemplo, da dimensão genealógica em relação à arqueologia.

Tal jogo da diferença e da descontinuidade na própria escritura torna complexa mesmo a relação entre os diversos registros, os múltiplos planos da escrita de Foucault. Os grandes livros e os textos periféricos ou pequenos escritos, publicados nos *Dits et Ecrits*, estabelecem entre si relações complexas sendo, por vezes, os textos periféricos laboratórios dos livros, como seria de se esperar, mas sendo, outras vezes, após a publicação dos mesmos livros, lugares de sua crítica radical (REVEL, 2012). Esse jogo no cruzamento dos diferentes registros de escritura buscaria impedir justamente a fixação da qualquer coisa como a unidade de uma obra ou o motivo básico do pensamento de Foucault. Paradoxalmente, ainda como afirma Revel (2012, p.85), a contradição entre esses dois planos não suprimiria necessariamente a coerência do projeto, mas o faria avançar numa dinâmica permanente de temas e de pesquisas: essa seria a “descontinuidade coerente do pensamento de Foucault”.

Embora tais questões sejam de difícil aprofundamento, é certo que Foucault, ao longo de seu percurso intelectual, terá a preocupação constante, ou melhor, a coragem de problematizar sua própria posição (REVEL, 2012), de revisar análises e reelaborar conceitos. Um equívoco frequente da recepção dos trabalhos de Foucault na Sociologia ou na Teoria Social – foco principal da discussão ora em curso – reside justamente na não caracterização precisa desses movimentos de seu pensamento, dos inúmeros deslocamentos que possibilitam tanto a construção de problemas e de conceitos quanto o desenvolvimento das análises históricas.

## O efeito Foucault na Sociologia

A partir da caracterização do percurso intelectual de Foucault, é possível perceber o alcance que suas ideias e pesquisas terão no âmbito de áreas específicas, como a Sociologia. Tal ressonância alcançará inúmeros temas, como gênero e sexualidade, corpo, saúde e doença, crime, punição e desvio, instituições e organizações, entre inúmeros outros, além de discussões diversas no âmbito da teoria sociológica. Apesar da riqueza dos desdobramentos das leituras de seus trabalhos em termos de questões específicas estudadas pela Sociologia, a recepção mais vulgar ainda constrói uma imagem bastante inadequada do pensamento do autor. Assim, é muito frequente em livros e manuais a apresentação de Foucault como autor supostamente pós-modernista, que enfatizaria o discurso ao invés da realidade, que

reificaria o poder na vida social, que acreditaria que os esforços de mudança social estariam sempre condenados ao fracasso<sup>6</sup>.

Sem dúvida, outro equívoco recorrente consiste justamente na tentativa de aplicação dos conceitos e análises de Foucault como se fossem modelos gerais de pensamento, aplicáveis aos mais diversos contextos. Mas os trabalhos de Foucault não se prestam a tal tipo de instrumentalização. Permitem, em contrapartida, novos ângulos de abordagem de questões já tradicionais no campo da reflexão sociológica e áreas afins.

Pode-se ilustrar esse impacto produtivo de um novo estilo de problematização das relações entre saber, poder e subjetividade no âmbito da Sociologia a partir de uma entrevista na qual Foucault explicita porque evitava utilizar em suas análises a noção de ideologia, embora esta noção aparentemente pudesse recobrir muitos dos estudos por ele realizados, sobretudo no final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX. Ao manifestar suas reservas em relação a essa noção, Foucault afirma em entrevista datada de 1977:

A noção de ideologia me parece dificilmente utilizável por três razões. A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade. Ora, creio que o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos. Segundo inconveniente: refere-se necessariamente a alguma coisa como o sujeito. Enfim, a ideologia está em posição secundária em relação a alguma coisa que deve funcionar para ela como infra-estrutura ou determinação econômica, material, etc. Por estas três razões creio que é uma noção que não deve ser utilizada sem precauções. (FOUCAULT, 1981b, p.7).

A citação acima adquire ainda maior relevância para a presente discussão, pois, no interior da Sociologia, os trabalhos de Foucault foram inicialmente incorporados, sobretudo, para suprir as lacunas deixadas por essa noção no estudo das relações entre práticas de conhecimento e práticas de poder no interior da sociedade. As análises de Foucault – principalmente de sua fase genealógica – serão mobilizadas para explicar o papel desempenhado pelas ideias e instituições na manutenção cotidiana da ordem social, ou seja, para descrever a microfísica do poder que perpassaria todo o corpo social. Será igualmente a discussão acerca do papel das disciplinas – e dos saberes normalizadores a ela associados – que ganhará a cena.

---

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, o resumo que Anthony Giddens faz das ideias de Foucault (GIDDENS, 2005).

A partir dos problemas levantados em relação às análises em termos de Ideologia<sup>7</sup>, é possível perceber alguns dos novos equacionamentos que Foucault propõe e que terão efeitos nas Ciências Sociais nesse momento. Um primeiro problema levantado é o da oposição falso/verdadeiro ou não-científico/científico como critério de análise. O conceito de saber rompe com a ideia de cientificidade como critério de investigação histórica, recurso utilizado por análises que operam a partir da oposição esquemática ideologia/ciência. Não apenas as práticas ideológicas, mas também as científicas se articulam ao contexto social, sendo irrelevante para a análise arqueológica o corte científico/não-científico como pressuposto metodológico. A arqueologia, tendo o saber como campo de estudos, procura em diferentes práticas discursivas as várias articulações desse saber. Assim, o saber sobre a loucura não deve ser procurado apenas no interior de uma disciplina com pretensão *status* científico, como a Psiquiatria, dado que excede a ela, devendo ser procurado também em textos jurídicos, expressões literárias, reflexões filosóficas etc.

Os saberes são assim territórios arqueológicos e não apenas domínios científicos, territórios esses formados por práticas discursivas. O corte ideologia/ciência deixa, portanto, de ser critério orientador da análise e passa a ser problema que deve ser historicamente situado. Daí que Foucault coloca na *Arqueologia do Saber* que ideologia e cientificidade não se excluem necessariamente; que uma ciência não é ideologia apenas nas falhas de sua estrutura e que o papel da ideologia não diminui à medida que cresce o rigor formal da ciência. Portanto, o funcionamento ideológico da ciência deve ser visto como prática entre outras práticas (FOUCAULT, 1986). Essas novas orientações implicam também um reequacionamento das relações entre verdade e poder, como será visto logo a seguir. Mas, na proposta da arqueologia, um conceito se coloca antes como prioritariamente articulado ao de saber: o conceito de discurso. Com ele, Foucault rompe com outro problema em relação ao conceito de ideologia: o do caráter superestrutural das ideias. O conceito de discurso, ao enfatizar a especificidade das práticas discursivas, rompe com a oposição estrutura/superestrutura.

Muito sinteticamente, pode-se dizer que o essencial do posicionamento de Foucault em relação aos discursos é que ele os define como práticas articuladas de forma complexa a relações de poder e de saber (FOUCAULT, 1986; VEYNE, 1982). A análise arqueológica do discurso, tal como ele a propõe, ressalta o que se poderia chamar de especificidade interna dos discursos, relacionado-a também com suas condições de produção, ou seja, o discurso é visto tendo especificidade,

---

<sup>7</sup> Em entrevista de 1984, Foucault retoma suas reservas em relação à noção de Ideologia, ao indicar novamente que, desde o início de seu percurso intelectual, ao tomar as relações entre saber e poder como problema, tal noção não era capaz de dar conta das questões que pretendia desenvolver (FOUCAULT, 2001).

exterioridade, positividade, mas, ao mesmo tempo, é visto remetendo-se ao conjunto das condições históricas que o tornam possível. Por isso, o discurso não pode ser visto apenas como representação de uma realidade, apenas como índice das coisas, mas, como uma existência peculiar, uma complexidade que lhe é própria e que só pode ser apreendida como prática (FOUCAULT, 1986). Os discursos são, pois, considerados como práticas regradas e com formas próprias de encadeamento articuladas, ao mesmo tempo, ao conjunto das demais práticas não-discursivas. A historicidade coloca-se, conseqüentemente, tanto no plano interno do discurso, dadas as transformações que acontecem nas próprias regras de formação dos discursos, quanto no plano externo do conjunto da história, ao qual estão articuladas as práticas discursivas.

Se os saberes, como resultados de práticas discursivas, não podem ser analisados a partir do corte ciência/ideologia, a definição dos discursos como práticas também não permite que sejam colocados apenas como superestrutura. E, com a genealogia, a explicitação das articulações entre práticas de poder e práticas de saber rompe com o terceiro aspecto problemático do conceito de ideologia: a pressuposição de um sujeito que a instrumentalize. A problematização do sujeito perpassa as obras de Foucault, como indicado anteriormente. Mas é preciso analisar antes o conceito de poder para entender de que modo se coloca o problema do sujeito a partir dessa matriz. Menos que uma definição, o conceito de poder em Foucault consiste numa nova perspectiva de análise das práticas sociais de submissão e de dominação. A ideia de que as relações de poder na sociedade não devem ser estudadas apenas a partir de um centro único localizado no Estado, mas que devem ser vistas a partir de suas aplicações cotidianas, nas capilaridades do corpo social, é uma das ideias que mais teve ressonância no campo das Ciências Sociais contemporâneas. O poder é visto como relação social complexa, que provém de todos os lugares, de todos os pontos da sociedade, sem que haja um lugar privilegiado para seu exercício. Isso faz com que a análise dos micropoderes torne-se elemento indissociável das análises sobre a sociedade.

Assim, Foucault pensa o poder não como posse, mas sim como relação, que se estabelece entre diversos pontos da sociedade e que se modifica constantemente. O poder não pode ser visto como superestrutural, já que as relações de poder são concebidas como imanentes às relações econômicas, sexuais, de conhecimento etc. O poder não é considerado como superestrutural porque funciona de maneira produtiva e não apenas de modo repressivo. Dispositivos de poder produzem campos de saber e de dominação<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> No entanto, a noção de poder não permanecerá inalterada ao longo do percurso intelectual de Foucault. Como apontam diversos comentadores (ORTEGA, 1999), a concepção ligada à luta e ao confronto, inspirada em Nietzsche e empregada sobretudo em *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1977) será



Sobre a questão do sujeito, o posicionamento de Foucault em relação ao poder rompe com a sua instrumentalização necessária por um sujeito. Pelo contrário, o poder é considerado, ao mesmo tempo, como intencional e não subjetivo. Em outras palavras, o poder se exerce a partir de miras e objetivos, mas seu exercício não tem por fonte os sujeitos; ao contrário, são as próprias práticas de poder que constituem os sujeitos.

Coloca-se, deste modo, o conceito de sujeito em Foucault também como resultado de práticas históricas. Determinadas práticas de poder na sociedade moderna, como as práticas disciplinares, permitem, por exemplo, a produção de sujeitos politicamente submissos. Por outro lado, práticas éticas voltadas para a relação do indivíduo consigo mesmo permitem a construção de formas de subjetividade bastante diversas daquelas resultantes das práticas disciplinares do mundo moderno. Mesmo as práticas constitutivas dos sujeitos são problematizáveis, o que faz com que o sujeito não possa ser visto apenas como um dado que transcende a história. Como afirma Ortega (1999), para além das flutuações conceituais e da complexidade das questões tratadas, o esforço contínuo de Foucault foi em direção de recusar uma visão essencialista do sujeito em favor de um sujeito constituído historicamente, quer de forma heterônoma por meio de mecanismos massivos de poder, como os disciplinares e os ligados ao biopoder na modernidade, quer com certa autonomia, por meio de práticas de si, tal como ocorria na Antiguidade. Como afirma ainda o mesmo comentador, sobretudo com a publicação dos dois últimos volumes de *História da Sexualidade*, a dupla ontologia saber-poder, exaustivamente enfatizada nos trabalhos genealógicos, transforma-se explicitamente em uma tripla, ao envolver saber-poder-sujeito.

Recusando-se, portanto, a pensar as práticas de saber e de poder no interior da sociedade em termos de um paradigma que tenha como conceito-chave a Ideologia (tomada como falsa consciência, como superestrutural e como instrumentalizada por sujeitos que lhe pré-existiriam) Foucault acaba criando toda uma nova matriz de análise das relações entre sociedade, conhecimento e poder. Conceitos como os de saber, discurso, sujeito etc., que foram brevemente descritos aqui, tornaram possíveis novas problematizações de antigas questões das Ciências Sociais. Ou seja, em seu percurso, Foucault não irá buscar nas formas de pensamento o que nelas existe de verdadeiro ou de falso, mas sim buscará descrevê-las como práticas regradas, em torno das quais se produzem não apenas efeitos de saber, mas também efeitos de poder; efeitos estes que, por sua vez, não são reflexos nem de estruturas mais profundas da realidade – por exemplo, a estrutura econômica –, nem simples instrumentos produzidos por um sujeito pré-existente que lhes dá sentido,

---

deslocada em favor da ideia de governo das condutas, que emerge nos curso do *Collège de France* a partir de 1976.

mas sim, práticas complexamente articuladas na realidade social que objetivam simultaneamente formas de saber, de poder e de subjetivação.

Como afirma Lemke (2000), tal abordagem peculiar dos fenômenos sociais estará presente, por exemplo, na forma como Foucault trabalhará a questão do neoliberalismo nos cursos do *Collège de France* não como ideologia, para retomar a discussão apresentada anteriormente, mas como um conjunto historicamente formado de práticas discursivas e não-discursivas com efeitos precisos no mundo social. Se para sociólogos como Anthony Giddens, Pierre Bourdieu e mesmo da tradição marxista, o neoliberalismo é tratado como um conhecimento falso e manipulativo acerca da sociedade e da economia, Foucault, por meio do conceito de governamentalidade, busca analisá-lo como um conjunto efetivo de formas de conhecimento, de estratégias de poder e de tecnologias de subjetivação. Novamente, a questão em relação ao neoliberalismo não seria apenas decidir o que nele é verdadeiro ou falso, mas como ele articularia formas de saber, de poder e de subjetividade com efeitos precisos. Ou seja, o problema se desloca da questão se a racionalidade do neoliberalismo é adequada ou não como descrição da sociedade para a questão do como ele funciona, ao produzir novas formas de conhecimento, ao inventar conceitos que contribuem para construir novos domínios de regulação e de intervenção. O problema não seria, ainda em relação ao neoliberalismo, à colonização da política pela economia ou ao fim da primeira, mas sim como o neoliberalismo levaria a transformações na política, resultados da emergência de novas formas de governo e de novos atores na cena pública. Por fim, o neoliberalismo não destruiria apenas as formas de identidade tradicional, mas produziria modelos de subjetivação ligados às novas tecnologias governamentais. Em suma, a análise de Foucault constrói o neoliberalismo não apenas como uma retórica ideológica, como uma realidade política-econômica ou uma espécie de anti-humanismo, mas acima de tudo como um projeto político que empreende criar uma realidade social que sugere como já existente (LEMKE, 2000).

## Foucault e a Sociologia no Brasil

As dificuldades de recepção das ideias de Foucault no âmbito da Sociologia não devem ser tomadas apenas a partir da perspectiva dos erros e acertos na compreensão de conceitos e análises mas indicam em realidade, interessantes direções de reflexão e de pesquisa. Novamente Bourdieu (1996), ainda discutindo o percurso intelectual de Foucault, afirma que para compreender-se uma obra e sua recepção, seria preciso compreender tanto o campo onde ela foi produzida, quanto aqueles onde ela será recebida; no caso de Foucault, seria necessário restituir tanto o

campo de produção acadêmica na França<sup>9</sup> de sua época quanto suas ressonâncias em campos e em contextos nacionais diversos. Tal tarefa ganha enorme complexidade, até pelos inúmeros trabalhos que já a exploraram, mas algumas reflexões, mesmo que fragmentadas, podem ser esboçadas a respeito.

Uma primeira dificuldade que se apresenta no questionamento acerca do lugar de Michel Foucault na Sociologia é que ele não produziu seus trabalhos originalmente no campo da disciplina, nem a ela se dirigiu de forma sistemática<sup>10</sup>. Pelo contrário, em diversos momentos Foucault manifestou mesmo alguns *deficits* em relação à apropriação dos autores da própria tradição sociológica, como no caso de Weber, lido de forma um tanto quanto inapropriada ainda nos anos setenta e só posteriormente visto como uma espécie de autor em paralelo com o próprio percurso de Foucault<sup>11</sup>, assim como os autores da assim chamada Escola de Frankfurt.

Jean-François Bert (2006b), justamente discutindo a circulação das ideias de Foucault no campo da Sociologia francesa, afirma que as diferentes utilizações dos trabalhos do filósofo se situam nesse campo entre coexistência e ausência, tolerância e recusa, justaposição e incompatibilidade. Se há uma recepção limitada e por vezes hostil dos estudos de Foucault por parte da Sociologia universitária – exemplificada por algumas figuras emblemáticas como Alain Touraine, Raymond Boudon, Michel Crozier, Pierre Bourdieu – uma Sociologia mais operatória irá empregá-lo com cada vez mais frequência, por exemplo, para uma crítica da autoridade e das instituições e também em lutas setoriais, voltadas ao problema das prisões, dos serviços de saúde, das normas sexuais etc. Entretanto, alguns sociólogos acadêmicos franceses como Bernard Lahire (2005), por exemplo, não deixarão de indicar que existe em Foucault uma espécie de postura sociológica, com seu pendor para a crítica das evidências

---

<sup>9</sup> Para a reconstrução do percurso intelectual de Foucault no campo acadêmico francês de sua época, conferir Eribon (1990, 1996), Pestaña (2006) e Veyne (2008). Sobre a recepção de Foucault nos Estados Unidos, consultar Cusset (2005).

<sup>10</sup> Pestaña (2010) defende que Foucault desconsiderava as Ciências Humanas ao tomá-las como um discurso fútil e estéril, daí seu desprezo também pela Sociologia. Entretanto, a relação de Foucault com a Sociologia e as demais Ciências Humanas não pode ser equacionada de forma tão simples e, sem dúvida, há muito que explorar a respeito, a despeito de trabalhos como o de Bert (2006a) e outros. Aprofundar a compreensão dos espaços rivais da Filosofia e da Sociologia no campo intelectual francês, ao longo da formação e da atuação de Foucault seria um caminho interessante, esboçado por Pestaña (2006) mas não suficientemente desenvolvido mesmo por esse autor.

<sup>11</sup> Bert (2006b) afirma que a leitura esquemática que Foucault faz da Sociologia de Weber em *L'impossible prison* se deve sobretudo ao desejo de Foucault de demarcar distância de uma tradição que, antes dele, já havia indicado a existência de um liame entre modernidade e disciplina. Mas, de fato, Foucault não conhecia muito bem a obra de Weber, como admite Veyne (2008, p.56). Em contrapartida, as proximidades efetivas entre a visão de Weber acerca da racionalização e da burocracia e a de Foucault acerca da disciplina e do panoptismo são manifestas e foram ressaltadas por inúmeros comentaristas (O'NEILL, 1986; OWEN, 1994; SZAKOLCZAI, 1998; ORTEGA, 1999; FONSECA, 2009) mas também ambos compartilhavam inúmeras outras semelhanças, como o nominalismo, a influência de Nietzsche, o ceticismo, a visão acerca do papel do cientista em relação à política etc. (VEYNE, 2008).

e igualmente para a investigação empírica. Nesse sentido, como afirma novamente Bert (2006a; 2013), Foucault deixaria um importante legado para a Sociologia, ao explorar novos objetos, ao contestar as divisões disciplinares clássicas, ao rejeitar as certezas antropológicas e ao buscar valorizar a fala dos dominados.

Existiriam, assim, múltiplas zonas de transação entre a *démarche* de Foucault e o campo da Sociologia ou mesmo com a obra de determinados sociólogos contemporâneos, como Bourdieu que, apesar das frequentes objeções, não deixaria de ter projeto comparável em sua gênese e alcance, como nas palavras de um comentador do sociólogo francês:

[...] tanto o método **histórico-filosófico** de Michel Foucault quanto a **sociologia da cultura** de Pierre Bourdieu podem ser concebidos como duas maneiras de praticar uma história social das **formas simbólicas**, tal como sugerida pelas ideias de Ernst Cassirer. As duas obras, que diferem, em suma, pelo peso relativo que em cada uma delas têm a filosofia e as ciências humanas possuem, no entanto em comum o fato de proporem uma radicalização das orientações do neokantismo. Num plano propriamente filosófico, opera-se nítida ruptura em relação a qualquer tentativa fundacionista: as questões da filosofia se transferem ao plano da investigação positiva. E no próprio plano dessa investigação se propõe uma diversificação dos objetos de estudo que desarranja os limites do importante e do insignificante, do legítimo e do ilegítimo. Diversificação que, fonte de mal-entendidos, é inerente à postura do sociólogo e que o filósofo Foucault teve de conquistar à custa de outras incompreensões ou de equívocos. (PINTO, 2000, p.31).

No que diz respeito aos temas de pesquisa, ao perscrutar os espaços de enclausuramento e de exclusão da sociedade moderna, os estudos de Foucault foram relacionados com análises tais como as de Erving Goffman (2003). Tanto a abordagem sociológica de Goffman como a genealógica do filósofo francês permitiram novas leituras das instituições voltadas para a custódia e o controle dos indivíduos, embora o próprio Foucault por vezes tenha buscado se distanciar das abordagens em termos de instituições totais (BERT, 2013). Em áreas mais específicas, como da Sociologia médica ou da Sociologia das prisões, a proposta de uma microfísica do poder forneceu um novo modelo de abordagem e de investigação que evitava a cilada de reduzir as instituições médicas e penais a meros aparelhos ideológicos e repressivos, sem perder de vista o papel da medicina e do direito na construção da ordem social (BERT, 2013).

Em chave mais geral, Lahire (2005) afirma igualmente que Foucault é o filósofo francês que mais se aproximou da forma de trabalhar própria dos pesquisadores em Ciências Sociais – sociólogos, antropólogos, historiadores –

ao tomar efetivamente por objeto o mundo social, quer as formas de exercício de poder, quer as imposições discursivas, quer as formas de subjetividade. O autor aponta de forma polêmica que Foucault rompe com as maneiras de fazer da Filosofia e se esforça por pensar sobre os materiais, embora não detivesse o *métier* necessário nesse domínio. Isso faria o percurso de Foucault compreensível para os sociólogos críticos que buscam romper com as evidências do senso-comum, embora inúmeras objeções pudessem ser feitas ao seu trabalho de investigação empírica.

No Brasil, também foi enorme o impacto dos estudos de Foucault no âmbito das Ciências Sociais, em parte explicado pelas viagens que o filósofo fez ao país<sup>12</sup>, pelos contatos intelectuais a partir daí estabelecidos, bem como pelas inúmeras e precoces traduções de seus textos para o português. Igualmente nesse aspecto, seria impossível recuperar o efeito mais amplo de Foucault na Sociologia no país, mas alguns temas podem ser tomados como ilustrativos, como a questão da assim chamada sociedade disciplinar, na discussão local.

## A Sociedade Disciplinar à brasileira

A partir do final dos anos 70, os estudos brasileiros inspirados em Foucault voltar-se-ão para o problema da constituição da assim chamada sociedade disciplinar no país, justamente ao buscarem em parte preencher as lacunas deixadas pelas análises que até então utilizavam a noção de Ideologia. A idéia de que o Estado não é o centro do poder, mas que as relações de poder estão disseminadas no interior da sociedade, será incorporada por uma série de estudos que irão se voltar para o papel desempenhado por saberes e instituições na produção e manutenção de determinadas formas de poder.

Assim, por um lado, as ideias de Foucault estimularam reflexões inéditas acerca, por exemplo, do papel do saber médico na constituição da ordem social, bem como de instituições de produção e de controle de individualidades que serão tomados como desviantes – manicômios, prisões e instituições disciplinares em geral<sup>13</sup>. Por outro lado, críticas logo surgiram no sentido de apontar que a assim chamada sociedade disciplinar nunca se constituiu plenamente no Brasil. Ou seja, os esquemas analíticos de Foucault não poderiam ser simplesmente transpostos para a realidade brasileira.

---

<sup>12</sup> Sobre as viagens de Foucault ao Brasil, consultar Rodrigues (2012).

<sup>13</sup> Entre muitos exemplos possíveis, conferir: Albuquerque (1978); Costa (1979); Cunha (1986); Engel (1989); Luz (1979); Machado (1978); Passetti (1982); Rago (1985); Alvarez (1989).

Em primeiro lugar, porque a oposição entre lei e norma, construída por Foucault – e também por outros autores como Robert Castel (1978) e Jacques Donzelot (1986) – tinha por base as experiências históricas da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, em que as práticas disciplinares e os saberes normalizadores tiveram de se consolidar principalmente em oposição aos ideais de igualdade jurídica, que haviam se cristalizado a partir de intensas lutas políticas e sociais. Em contrapartida, como bem apontou Mariza Corrêa (1982, p.48), no Brasil as práticas de normalização e disciplina não precisaram se constituir contra os poderes da lei, pois encontraram “um quadro jurídico cujos termos de definição eram equivalentes aos seus”. A partir desta constatação, essa autora sugere que não haveria, no contexto brasileiro, uma efetiva heterogeneidade entre lei e norma enquanto modelos de exercício do poder. Podendo-se considerar, no entanto, que não há propriamente uma indiferenciação entre esses modelos, mas sim uma complementaridade muito grande entre lei e norma no país, como admite a própria autora.

Em segundo lugar, a violência mais direta, tanto no tratamento da questão criminal, quanto em termos das estratégias mais amplas de sujeição das classes populares, parece ter se sobreposto amplamente às formas mais brandas de repressão e controle social ao longo do processo de modernização do país (CORREA, 1982). Luciano Oliveira (2011) retoma de forma polêmica esse debate ao discutir a recepção acrílica e o uso inadequado das discussões de *Vigiar e Punir* no Brasil, bem como a leitura excessivamente passiva de Foucault no país. Para o autor, o Brasil não seria uma sociedade disciplinar e as discussões sobre as disciplinas estariam aqui sendo empregadas de modo indevido. Tal crítica, como inúmeras outras levantadas contra os trabalhos de Foucault, perde força devido ao fato de que toma a expressão sociedade disciplinar como um modelo descritivo que, para Foucault, poderia se aplicado a inúmeros outros contextos históricos e sociais.

Pelo contrário, a emergência da sociedade disciplinar na modernidade europeia seria, para Foucault, um caso singular que não seria reproduzível mecanicamente em outros contextos históricos e outras sociedades. A pergunta inspirada em Foucault seria quais formas de relação de poder emergem no Brasil, com vistas a recepção neste país dos discursos e práticas produzidos nas sociedades disciplinares. Em grande medida, foi essa a pista seguida pelos inúmeros trabalhos que, a partir dos anos 80 do século XX, tentaram pensar a realidade brasileira a partir das análises de Foucault. Tanto Oliveira (2011) como outros críticos afirmam que existiriam dúvidas em relação à aplicação dos esquemas analíticos de *Vigiar e Punir* na nossa realidade, mas a questão chave é que Foucault nunca pretendeu tal aplicação reducionista.

Seria equivocado, no mesmo sentido, afirmar que a sociedade disciplinar foi apenas um discurso vazio no Brasil, ou apenas mais uma idéia fora do lugar,

no sentido vulgar da expressão, pois o que parece ocorrer, nos diferentes contextos nacionais na modernidade, é uma combinação específica entre lei e norma, entre soberania e disciplina, entre violência e instrumentos mais suaves de manutenção da ordem política e social<sup>14</sup>. A natureza dessas composições no Brasil permanece como um problema ainda não totalmente elucidado pelas pesquisas e pode ser mais bem aprofundado a partir de um diálogo sistemático com as ideias de Foucault<sup>15</sup>.

## Novas perspectivas de análise

Pelo que foi visto anteriormente – e tendo em vista também o crescimento da já vasta bibliografia relativa aos usos dos trabalhos de Foucault no âmbito das Ciências Sociais em âmbito internacional – pode-se afirmar que o diálogo mais sistemático com os trabalhos de Foucault permite ainda hoje enriquecer muitas das principais discussões teóricas e metodológicas desenvolvidas pela Sociologia contemporânea. Ao se estudar questões como as do papel político das diferentes formas de saber, das formas de conflito e de violência na contemporaneidade, dos novos mecanismos de controle e de governo dos comportamentos, das formas de subjetivação nas sociedades modernas e contemporâneas, seus estudos permanecem sendo referência importante, fonte potencial para a elaboração de novos conceitos e novos procedimentos metodológicos.

No Brasil, principalmente nos estudos voltados para a questão da violência e do funcionamento das instituições penais e de controle social, seus trabalhos continuam tendo grande influência. Curiosamente, as discussões acerca da Sociologia da punição nos Estados Unidos e na Europa têm apontado para um retorno da violência e do sofrimento, que ganham paulatinamente espaço em relação aos discursos e práticas disciplinares. A permanência da violência nas instituições penais e de controle social no Brasil ganha, desse modo, nova atualidade, já que, como foi mencionado anteriormente, a violência não foi, no geral, deixada de lado em favor de formas mais sutis de manutenção da ordem social.

Para que esse diálogo possa avançar, por um lado, é necessária uma compreensão mais rigorosa do pensamento de Michel Foucault. Como afirma Veyne (2008), Foucault não era um pensador estruturalista, relativista ou historicista, mas sem dúvida não admitia nenhum fundamento metafísico da experiência humana, ao buscar caracterizar conjuntos específicos de experiências históricas irredutíveis, como os prazeres na antiguidade, a sexualidade moderna, o suplício no Antigo

---

<sup>14</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre estas questões, consultar Alvarez (1996).

<sup>15</sup> Uma interessante análise das relações de poder no século XIX no Brasil inspirada em Foucault mas que não reproduz mecanicamente o modelo da sociedade disciplinar é a de Koerner (2006).

Regime, a prisão disciplinar etc. A vasta bibliografia crítica em relação aos seus trabalhos precisa ser confrontada com a densidade de seu pensamento e não com vulgarizações apressadas e esquemáticas de suas ideias. Por outro lado, uma crítica à recepção de seus trabalhos no Brasil é igualmente fundamental, bem como uma avaliação do alcance de suas problematizações para a delimitação e compreensão da singularidade da sociedade brasileira.

## **MICHEL FOUCAULT AND SOCIOLOGY: APPROACHES AND TENSIONS**

**ABSTRACT:** *This article discusses the reception of Michel Foucault's work in Sociology and social theory. The discussion is initiated with the metaphor of the toolbox employed by Foucault himself. The aim is to characterize how the investigations of the French philosopher were received and criticized in this field of knowledge. The usual division of the author's intellectual journey in three areas – archeology, genealogy and ethics – is criticized considering the written books as well as the disperse texts and courses of his authorship. Finally, this article presents aspects of his influence in Brazil, especially regarding the characteristics of the so-called disciplinary society.*

**KEYWORDS:** *Michel Foucault. Sociology. Social theory. Power.*

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. A. G. **Metáforas da desordem:** o contexto social da doença mental. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ALVAREZ, M. C. **A emergência do Código de Menores de 1927:** uma análise do discurso jurídico e institucional da assistência e proteção aos menores. 1989. 207f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. **Bacharéis, criminologistas e juristas:** saber jurídico e nova escola penal no Brasil (1889-1930). 1996. 306f. Tese (Doutorado em ÁREA) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Punição, Discurso e Poder:** textos reunidos. 2013. 250f. Tese (Livre-Docência em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.



BERT, J. F. **Proximité, réserve et emprunt**: la place de Michel Foucault dans la sociologie française. Tome I. 2006. 463f. Thèse (Doctorat en Sociologie) – Université Paris VIII, Paris, 2006a.

\_\_\_\_\_. Réserve, juxtaposition eth adhésion: la place de Michel Foucault dans la sociologie. **Sociologie et sociétés**, Montreal, v.38, n.2, p.189-208, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Pensar com Michel Foucault**. São Paulo: Parábola, 2013.

BOURDIEU, P. Qu'est-ce que faire parler un auteur?: À propos de Michel Foucault. **Sociétés & Représentations**, Paris, n.3, p.13-18, nov. 1996.

CASTEL, R. **A Ordem psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CORRÊA, M. **As ilusões da liberdade**: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CUNHA, M.C.P. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CUSSET, F. **French Theory**: Foucault, Derrida, Deleuze & Cie et les mutations de la vie intellectuelle aux États-Unis. Paris: La Découverte, 2005.

DAVIDSON, A. I. Arqueologia, genealogia, ética. In: HOY, D. C. (Comp.). **Foucault**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988. p.243-257.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

ERIBON, D. **Michel Foucault**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FONSECA, M. A. Max Weber, Michel Foucault e a história. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.239-251.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. Gerir os ilegalismos. In: \_\_\_\_\_. **Michel Foucault**: entrevistas a Roger Pol-Droit. São Paulo: Graal, 2006. p.41-52.

\_\_\_\_\_. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. Entretien avec H. Becker, R. Fernet-Betancourt, A. Gomez-Müller, 20 janvier 1984. In: \_\_\_\_\_. **Dits et écrits II**, 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001. p.1527-1548.

\_\_\_\_\_. Política da Verdade: Paul Rabinow entrevista Michel Foucault. In: RABINOW, P. **Antropologia da Razão**: ensaios de Paul Rabinow. Tradução de João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.17-25.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981a.

\_\_\_\_\_. Verdade e Poder. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981b. p.1-14.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GUTTING, G. **Michel Foucault's archaeology of scientific reason**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KOERNER, A. Punição, disciplina e pensamento penal no Brasil do século XIX. **Lua Nova**: cultura e política, São Paulo, n.68, p.205-242, 2006.

LAHIRE, B. L'esprit sociologique de Michel Foucault. In: \_\_\_\_\_. **L'esprit sociologique**. Paris: La Découverte, 2005. p.112-127.

LEMKE, T. Foucault, Governmentality and Critique. In: RETHINKING MARXISM CONFERENCE, 2000, Amherst. **Annals...** Amherst: University of Massachusetts, sep. 2000.

LÉVI-STRAUSS. **De perto e de longe**. São Paulo: Cosac Naif, 2005.

LUZ, M. **As instituições médicas no Brasil**: instituições e estratégia de hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MACHADO, R. **Danação da norma, medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

OLIVEIRA, L. Relendo Vigiar e Punir. **Dilemas**: revista de estudos de conflito e controle social, Rio de Janeiro, v.4, n.2, abr./jun. 2011.

O'NEILL, J. The Disciplinary Society: From Weber to Foucault. **British Journal of Sociology**, Chichester, v.37, n.1, 1986.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

OWEN, D. **Maturity and Modernity**: Nietzsche, Weber, Foucault and the ambivalence of reason. London: Routledge, 1994.

PASSETTI, E. **Política Nacional do Bem-Estar do Menor**. 1982. 269f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1982.

PESTAÑA, J. L. M. **En devenant Foucault**: sociogenèse d'un grand philosophe. Broissieux: Éditions du Croquant, 2006.

\_\_\_\_\_. **Foucault, la gauche et la politique**. Paris: Textuel, 2010.

PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2000.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da sociedade disciplinar, Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REVEL, J. La pensée verticale: une éthique de la problématisation. In: GROS, F. (Org.). **Foucault**: le courage de la vérité. 2.éd. Paris: PUF, 2012. p.63-86.

RODRIGUES, H. B. C. Michel Foucault na imprensa brasileira durante a ditadura militar: os “cães de guarda”, os “nanicos” e o jornalista radical. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, n.24, p.76-84, 2012.

ROUANET, S. P. et al. **O Homem e o discurso**: a Arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

SZAKOLCZAI, A. **Max Weber and Michel Foucault**: parallel life-works. London; New York: Routledge, 1998.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Brasília: Ed. da UnB, 1982.

\_\_\_\_\_. **Foucault**: sa pensée, sa personne. Paris: Albin Michel, 2008.

Recebido em 19/01/2015.

Aprovado em 21/04/2015.

